

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

Permanent formation of teachers: the movement of action-reflection-action and the participation as fundamental formative principles.

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares
Universidade Federal do Piauí-UFPI
Teresina-Piauí-Brasil

Resumo

O presente artigo visa socializar os resultados de uma pesquisa sobre a formação permanente de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública situada no bairro Jaraguá, na cidade de São Paulo-SP, cujo objetivo geral é analisar os alcances e os limites da formação permanente de professores para a prática pedagógica comprometida com a construção de uma escola democrática. Utilizaram-se os aportes teóricos de Freire e Saul. A pesquisa é qualitativa, com base em Chizzotti, com estudo bibliográfico, pesquisa de campo e documental. Adotaram-se três técnicas integradas: a observação participante, a entrevista semiestruturada e a análise de documentos. Os resultados da investigação indicam que há uma forte presença de dimensões da formação permanente, materializando princípios como o movimento de ação-reflexão-ação e a participação, evidenciados nos documentos analisados, nas entrevistas e nas observações.

Palavras-chave: Formação Permanente de Educadores. Movimento de Ação-reflexão-ação. Participação.

Abstract

This article aims to socialize the results of a research about continued formation of teachers of early years of fundamental teaching of a public school located on the district of Jaraguá in São Paulo-SP. The the general objective is to analyze scopes and limits of continued formation of teachers to a pedagogical practice committed to building a democratic school. We used the theoretical contributions of Freire e Saul. The research is qualitative and based on Chizzotti with bibliographic study, field and documental researches. We adopted three integrated technics: participant observation, semi structured interview, and document analysis. The results of the investigation indicate that there is a strong presence of dimensions of permanent formation, materializing principles as the movement of action-reflection-action and the participation, demonstrated on analyzed documents, interviews, and observations.

Keywords: Permanent Formation of Teachers. Movement of action-reflection-action. Participation.

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

Introdução

O presente texto tem a intenção de socializar os resultados de uma pesquisa sobre a formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública situada no bairro Jaraguá, na cidade de São Paulo-SP, cujo objetivo geral é analisar os alcances e os limites da formação permanente de professores para a prática pedagógica comprometida com a construção de uma escola democrática. O aporte teórico deste estudo apoia-se principalmente na Pedagogia de Paulo Freire (2001, 2013a, 2013b, 2015 e 2016) e em autores como Saul (2010) e Gimeno Sacristán (1999), entre outros.

Para iniciar as reflexões neste texto, é fundamental apresentar a compreensão de Freire (2015) sobre a formação de educadores: ele argumenta que ela deve ser permanente, pois considera o ser humano como inacabado, incompleto, em processo de crescimento e mudança, com a capacidade de criar e recriar, por meio da curiosidade que o estimula a buscar algo. E, por essa razão, tem condições de educar-se, é capaz de interferir no mundo, de maneira crítica e reflexiva, para transformá-lo.

Portanto, a formação permanente tem por fundamento o entendimento e o reconhecimento do inacabamento de homens e mulheres e sua vocação ontológica na busca do “ser mais”. Está permeada pela ideia de que ensinar, aprender, conhecer e pesquisar encontra-se intimamente relacionado com o fazer docente e são indissociáveis.

O processo de formação é multifacetado, plural, complexo, constante, tem início e nunca tem fim. Nesse sentido, Freire (2016, p. 25) afirma ser importante que “[...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Princípios da formação de educadores na perspectiva freireana

A proposta freireana de formação é crítica, centrada na prática, tendo como ponto de partida as necessidades dos(as) educadores(as) alicerçadas no movimento de ação-reflexão-ação, em que professores(as) e alunos(as) se tornam sujeitos da prática transformadora. Essa formação envolve diversas ações e não se restringe apenas a refletir mecanicamente sobre a prática, mas propõe, sobretudo, fazer uma reflexão crítica e consciente sobre as necessidades e os problemas dos(as) professores(as). O diálogo constitui o elemento fundamental e inicial dessa formação.

Freire defende a formação permanente do(a) educador(a) no âmbito da escola, de modo sistemático, e destaca a importância de que ele tenha acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos na sociedade e se aproprie deles. O fundamento da formação consiste na reflexão sobre a prática pedagógica: “[...] o diálogo se dará em torno da prática das professoras. Falarão de seus problemas, de suas dificuldades e, na reflexão realizada sobre a prática de que falam, emergirá a teoria que ilumina a prática” (FREIRE, 2001, p. 39).

A formação, tendo a escola como espaço de aprendizagem, pode auxiliar os(as) educadores(as) a enfrentar os desafios, a superar os problemas e os conflitos próprios da profissão na sociedade contemporânea, marcada pela velocidade das informações, o que provoca incerteza, insegurança e instabilidade em relação aos conhecimentos adquiridos na formação inicial.

O processo de formação de professores é constante, não finaliza com a conclusão do curso de graduação ou em qualquer outro determinado período de tempo. A formação permanente envolve várias ações, principalmente a reflexão crítica e consciente sobre a prática, que permite fazer uma leitura do contexto no qual está inserida. Tal formação deve ter como princípio o diálogo, que propicia momentos de trocas e compartilhamentos de ideias, conhecimentos, crenças, sonhos, projetos, na direção de uma práxis transformadora da realidade.

Na compreensão de Freire (2008), a ação-reflexão-ação constitui a unidade dialética da práxis. A reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer. Assim, teoria e prática são dimensões indissociáveis, se complementam e se relacionam. Para Freire (2013b, p. 30), “o homem é um ser da práxis, da ação e da reflexão”. Isso significa que o ser humano é capaz de objetivar, apreender e penetrar a realidade, desdobrando-se na ação transformadora do mundo. A formação permanente, na perspectiva freireana, encontra-se alicerçada no movimento de ação-reflexão-ação, que conduz o professor a analisar criticamente a sua prática, no intuito de melhorá-la.

Ao aprofundar conhecimentos da prática educativa em constantes momentos de ação-reflexão-ação, de articulação entre teoria e prática, a formação favorece o desenvolvimento de uma postura crítica, que se concretiza nos momentos de leitura,

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais
reflexão e análise relacionadas à prática pedagógica – momentos privilegiados de formação, num processo em que a própria prática em sala de aula passa a ser repensada.

Em *Poderes instáveis em Educação*, Gimeno Sacristán (1999) analisa a relação entre teoria e prática. O autor aponta que o sentido de uma relação desejada entre o pensamento e a atividade é uma resposta para entender o que move a ação educativa.

De alguma forma, o conteúdo da confrontação teoria-prática é delimitado a partir das percepções das relações entre “os teóricos” e “os práticos”, dentro dos contextos respectivos nos quais uns e outros trabalham. O que resulta ser um problema complexo entre a ação e a compreensão tende a reduzir-se às relações dos dois, como se fizesse a cada um deles possuidor de todo o conteúdo que cabe em cada um dos termos da polaridade teoria-prática: a prática é o que fazem os professores, a teoria é o que fazem os filósofos, os pensadores e os pesquisadores da educação. Essa posição é claramente errônea: nem os primeiros são donos ou criadores de toda prática, nem os segundos o são de todo o conhecimento que orienta a educação. (GIMENO SACRISTÁN, 1999, p. 21)

Gimeno Sacristán (1999) questiona, na relação entre teoria e prática, o mito da teoria como harmonizadora para a melhoria do mundo da prática, destacando os desencontros e as incompreensões, tendo em vista que os estudiosos se colocam como senhores absolutos de domínio das suas áreas, quer do conhecimento, quer da prática.

O autor delimita o território em que ocorrem as disputas entre teoria e prática, no contexto da divisão entre as profissões, nas instituições e nas esferas do pensamento, da decisão e da ação na educação. A relação entre teoria e prática configura-se como um problema epistemológico. Nas ações de formação de professores, a problemática dessa relação, na maioria das vezes, ocorre como algo externo aos professores, pois as propostas para formações já vêm prontas e não partem das reais necessidades e dificuldades sentidas pelos sujeitos. Dessa forma, os docentes ficam à margem das discussões e das reflexões sobre a relação teoria-prática, o que acentua cada vez mais essa separação.

Vale ressaltar que teoria e prática são facetas indissociáveis, que se relacionam e se complementam, sendo uma imprescindível à outra. Não se trata de priorizar ou valorizar apenas a prática ou a teoria no contexto de formação ou de defender que a teoria é essencial para a formação e que a prática deve ser colocada em segundo plano. As duas constituem uma unidade indissolúvel.

Freire tinha a preocupação em considerar, na formação, a realidade dos educadores, tendo como ponto de partida situações do seu próprio cotidiano, temáticas que, embora precisem ser discutidas, na maioria das vezes, são tratadas de forma geral, sem considerar as necessidades reais de cada contexto.

A ideia de formar professores desconsiderando a realidade concreta dos educadores e dos educandos é um desrespeito ao contexto da prática, pois não há como pensar em formação permanente separando teoria e prática, pois elas estão intrinsecamente relacionadas, imbricadas, ou seja, não há teoria que não parta de uma realidade concreta, de um saber vivenciado e não há prática que não tenha inspiração em alguma formulação de ordem teórica.

Na perspectiva freireana, pode-se afirmar que a participação consiste em uma ação compartilhada, em que todos possam ter voz nos diferentes níveis do poder, e implica poder de decisão. Assim, a participação é um dos princípios fundamentais nas ações desenvolvidas no processo de formação de professores, pois propicia o conhecimento das necessidades, das dificuldades e dos desafios enfrentados pelos(as) educadores(as) no seu fazer pedagógico, com o propósito de estimular o exercício constante do diálogo, da escuta e de respeitar e valorizar as suas demandas em busca de soluções para essas questões.

De acordo com Díaz Bordenave (1986, p. 50), o diálogo é uma força para a participação:

Ora, a maior força para a participação é o diálogo. Diálogo, aliás, não significa somente conversa. Significa se colocar no lugar do outro para compreender seu ponto de vista; respeitar a opinião alheia; aceitar a vitória da maioria; pôr em comum as experiências vividas, sejam boas ou ruins; partilhar a informação disponível; tolerar longas discussões para chegar a um consenso satisfatório.

A participação é uma prática, um exercício cotidiano e requer a escuta, a abertura para o diálogo. Ademais, o respeito às pessoas é condição essencial para compartilhar saberes, valores, experiências e tomar decisões coletivas nos espaços deliberativos. As propostas dos sujeitos devem ser respeitadas, acatadas e valorizadas, de modo que as decisões possam expressar as suas necessidades.

Percurso metodológico

O presente estudo inscreve-se nos parâmetros da abordagem qualitativa de acordo com Chizzotti (2011, p. 28), que compreende o termo qualitativo como “uma partilha densa com pessoas, fatos e locais”, o que possibilita que as pessoas atribuam significados aos fatos e aos fenômenos. Ademais, o estudo apoiou-se também numa pesquisa bibliográfica, de campo e documental.

Os procedimentos de produção de dados foram a observação participante das ações de formação de professores: Jornada Especial Integral de Formação (JEIF) e Projeto Especial

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais
de Ação (PEA) e da prática pedagógica; a entrevista semiestruturada com professoras, diretor e coordenadora pedagógica; e a análise de documentos, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e o Projeto Especial de Ação (PEA), no período de agosto a novembro de 2015.

A observação participante é uma das técnicas mais importantes e ocupa um lugar privilegiado nas pesquisas qualitativas em educação. Ela implica que o pesquisador faça parte do grupo que ele observa. Empregada como o principal método de investigação, associada a outras técnicas de coleta de dados, propicia um contato pessoal e direto do pesquisador com o fenômeno observado. Os estudos observacionais podem ser realizados em diferentes lugares e situações, como universidades, escolas e, mais especificamente, na formação de professores.

Nessa perspectiva, o pesquisador inserido no contexto das reuniões de formação de professores e no ambiente de sala de aula pode captar de forma clara os conhecimentos que os professores trazem e constroem, bem como as necessidades e os problemas vivenciados por eles no cotidiano da escola.

De acordo com Lüdke e André (2013, p. 31), “[...] na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações”.

Em conjunto com a observação e a análise de documentos, a entrevista é um instrumento fundamental na coleta de dados na abordagem qualitativa. Para Lüdke e André (2013), a entrevista possui um caráter de interação, pois estabelece uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado. Na entrevista semiestruturada não há a imposição de uma ordem rígida de questões, e o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que detém.

A análise de documentos é uma técnica que pode complementar informações obtidas por outros instrumentos de coleta de dados, como a observação e a entrevista, e pode contribuir para desvelar aspectos novos de um tema ou problema. Os documentos foram considerados importante fonte de informação, uma vez que

constituem [...] uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informações. Não apenas como uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 45)

A técnica de análise de documentos é valiosa, pois eles são uma fonte rica e estável de informações e podem ser consultados diversas vezes. Os diferentes tipos de documentos escritos podem incluir leis e regulamentos, normas, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, discursos, estatísticas e arquivos escolares.

Resultados e discussão

Após uma leitura rigorosa e reflexiva das anotações feitas, organizaram-se os dados em eixos temáticos: o movimento de ação-reflexão-ação na (trans)formação e nas práticas dos professores e a participação da comunidade nas ações de formação.

Tomando por elemento norteador o primeiro eixo – o movimento de ação-reflexão-ação na (trans)formação e nas práticas dos professores –, a categoria ação-reflexão-ação foi identificada nas vozes dos sujeitos e nas práticas dos professores no PEA da escola, que assim evidencia esse movimento:

O processo ação-reflexão-ação desenvolvido no PEA será compartilhado com toda a equipe escolar nos Seminários Internos de Socialização Curricular. O título do PEA permanece o mesmo do ano anterior devido à necessidade de intensificarmos as ações relativas à convivência e à tecnologia. (SÃO PAULO, 2015, s.p.)

Tendo como fundamento o movimento de ação-reflexão-ação, nas reuniões do PEA, o currículo e o projeto da escola são socializados nos Seminários Internos de Socialização Curricular, realizados com o coletivo de professores duas vezes por ano na Unidade Escolar. Nesses encontros, os professores apresentam os seus trabalhos, para que todos possam conhecer como desenvolveram com os alunos o ensino e a aprendizagem em sala de aula.

O movimento de ação-reflexão-ação nos encontros do PEA pode contribuir para o exercício do diálogo e a prática da escuta; e possibilitar a troca de saberes e o compartilhamento de experiências e vivências entre os professores.

No que concerne às reuniões do PEA, a Coordenadora revelou:

[...] Então, é assim o nosso PEA, desde que a gente começou, é esse movimento a teoria e a prática, a prática e a teoria; é bem Paulo Freire. [...]. É essa tentativa de pedir auxílio da teoria para subsidiar a nossa prática, para nos socorrer quando a gente entra naquelas encruzilhadas e diz: agora? Então, a teoria vem nos ajudar, mas a prática vem muitas vezes até confrontar essa teoria. No livro está escrito isso, mas eu estou vendo na prática acontecendo aquilo, para a gente fazer a reflexão.

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

A visão da coordenadora vai em direção à concepção crítica da relação entre teoria e prática, segundo a qual a teoria não é superior à prática, nem a prática é superior à teoria, mas são processos interligados, que se complementam. Em consonância com essa concepção, os depoimentos dos sujeitos revelaram a percepção da importância do movimento de ação-reflexão-ação, da unidade entre teoria e prática:

Nos encontros de formação de professores a unidade teoria e prática está totalmente ligada [...]. Nós precisamos de estudos, nós precisamos da leitura, ter a base, não tem como nós termos uma prática, se não tem de onde tirar? E aí voltar para ver se realmente deu certo, agir novamente baseado naquilo que você pensou, naquilo que você estudou [...]. Então, a teoria e a prática andam juntas, eu preciso saber que teoria é essa que está embasando a minha prática, porque às vezes eu não sei qual é. Desse modo, a formação é importante para isso, para que eu consiga descobrir qual é a teoria que está embasando o meu fazer, o que eu estou fazendo na minha sala de aula (PROFESSORA 2).

É com base na prática pedagógica que se faz a reflexão. Essa é a nossa lógica, sempre colocando na roda de conversa, na roda da formação em qualquer lugar que seja o eixo central da formação, que é a busca constante pela formação e da implementação do Projeto Político-Pedagógico (DIRETOR).

A professora 2 e o diretor compreendem a formação como um movimento constante de fazer e refazer as práticas e a possibilidade de efetivar mudanças; reconhecem a necessidade de buscar e aprofundar os conhecimentos para ter práticas cada vez melhores; acreditam que a formação propicie a reflexão sobre a prática pedagógica, por meio de discussão em roda de conversa e nos encontros de formação.

Em relação à unidade teoria-prática, Freire (2001, p. 135) afirma:

[...] A teoria é indispensável à transformação do mundo. Na verdade, não há prática que não tenha nela embutida uma certa teoria [...]. Sem teoria, na verdade, nós nos perdemos no ar [...]. Só na relação dialética, contraditória, prática-teoria, nós nos encontramos e, se nos perdemos, às vezes, nos reencontramos por fim.

Não se pode pensar em uma prática que não esteja fundamentada em uma teoria que permita refletir sobre a prática, compreendê-la e, a partir dessa compreensão, reorientá-la. Freire (2001, p. 104) enfatiza a unidade teoria-prática na formação permanente do educador, não de forma dicotomizada, mas percebendo-a numa relação constante, contraditória e processual.

Quanto mais pensava a prática a que me entregava, tanto mais e melhor compreendia o que estava fazendo e me preparava para praticar melhor. Foi assim que aprendi a procurar sempre e sempre o auxílio da teoria com a qual pudesse ter melhor prática amanhã. Foi assim também que nunca dicotomizei teoria de prática, percebendo-as jamais isoladas uma da outra, mas em permanente relação contraditória, processual.

A formação permanente de educadores, em Freire, não prioriza ou valoriza apenas a prática ou a teoria no contexto de formação, não defende a ideia de que a teoria seja primordial na formação e a prática fique relegada ao segundo plano. Ao invés disso, compreende ambas como componentes de um processo que deve ser visto pela ótica da unidade, em que a existência de uma está subsumida à existência da outra.

A fala da Professora 3 também destaca a relevância da prática e da teoria na formação de professores.

Para mim, a prática vira o espelho da formação, pois é na prática que a formação ganha corpo. Para mim, se eu quiser saber qual é a formação de um professor, eu tenho que olhar a prática dele, porque não tem outra forma de avaliar. Para mim, a prática vira um espelho da formação é onde a formação acontece, mostra a que veio, que formação é essa. É só ver na prática. É aí que ela se materializa (PROFESSORA 3).

O relato da Professora 3 demonstra a consciência da importância da reflexão crítica e contínua da relação entre teoria e prática na formação. A prática reflexiva permite conhecer a formação do professor e sua concretização. Teoria e prática compõem um todo único, não há prevalência de uma sobre a outra – há, sim, interdependência.

A Coordenadora sustentou que a reflexão crítica é um exercício fundamental para a formação de professores, na busca de caminhos que possam apontar para os limites e as possibilidades da prática, a sua superação e transformação:

Através da reflexão é que a gente vai olhar para nossa prática, e através da realidade da prática cotidiana é que a gente vai buscar tanto a teoria como alguns caminhos que essa teoria possa nos apontar para transformar a nossa prática.

Sim, porque sem ela [a reflexão] nós não conseguiríamos caminhar, sem ela nós teríamos uma teoria estanque, que é muito distante do nosso fazer diário, ou um fazer diário pautado em achismos, em tentativa e erro, que também não é o que a gente procura como profissionais da educação e como pensadores que somos (COORDENADORA).

Sua fala convida à superação de achismos, à recusa a teorias sem interligação com a prática, com vistas ao desdobramento de uma prática pautada na reflexão. A reflexão sobre a prática requer o diálogo consigo próprio, com os outros e com o contexto em que o professor desenvolve o seu trabalho. Ao pensar sobre a prática, os professores têm a oportunidade de reorientá-la e transformá-la. Como afirma Freire (2001, p. 123), “uma das mais importantes tarefas em que a formação permanente dos educadores se deveria centrar seria convidá-los a pensar criticamente sobre o que fazem”.

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

Para tanto, é preciso que o professor tome consciência da sua prática, examine o porquê das suas ações e, principalmente, perceba-se como sujeito da prática, com possibilidades de criá-la e recriá-la, constantemente, por meio da reflexão crítica.

O professor que assume uma postura crítica sobre a prática pedagógica, num movimento contínuo de ação-reflexão-ação, pode reorganizar as suas práticas, identificando os aspectos que precisam ser melhorados, aprofundados ou superados. Esses elementos foram apontados na reunião pedagógica, que abordou o tema “diversidade” numa roda de conversa em que se perceberam questionamentos dos professores sobre o racismo, o preconceito e as questões de gênero.

Professor 1: O preconceito racial, religioso e a homofobia estão presentes na sociedade atual. As pessoas criam estratégias para não problematizar. Os avanços dos movimentos sociais pautam as mudanças, as cotas. Qual é a função social da escola? Para que serve a escola? As questões de gênero, classe, raça são zonas de confronto e conflito.

Professora 2: Nós temos que entender a nossa prática, enfrentando o preconceito no nosso dia a dia com as crianças. O ruim é do morro. Tudo que é ruim é do morro.

Professora 3: No momento atual, existe um discurso de ódio e na prática também. A sociedade tem problemas de trazer essa questão. Há muitas informações, mas é diferente de conhecimento. O conhecimento é mais organizado, é sistematizado. Então, temos que rever e esses conhecimentos e orientar os nossos alunos (DIÁRIO DE CAMPO, 17 ago. 2015).

As questões de gênero, o preconceito e o racismo estão presentes no contexto escolar e requerem diálogo, conscientização e reflexão crítica para superar o pensar ingênuo sobre essas questões e buscar uma ação transformadora da realidade, por meio da problematização. A esse respeito, Freire (2015, p. 119) defende uma educação popular “que supera os preconceitos de raça, de classe e de sexo e se radicaliza na defesa da substantividade democrática”.

Com o intuito de verificar como ocorre o movimento de ação-reflexão-ação, observou-se, também, a aula da Professora 3. O tema da aula envolveu o calendário do mês de novembro e o racismo.

A professora diz:

Hoje nós vamos ler uma poesia, que também é uma música: O canto das três raças da cantora Clara Nunes.

A professora lê a música e depois distribui um texto com a letra da música, liga o aparelho de som e os alunos cantam o refrão.

A professora comenta:

Essa música fala do povo que sofre. Qual é o povo citado na música?

Fala do povo negro principalmente da época de escravidão. O povo sofre porque não tem comida, água, vive em guerra.

E continua:

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, prenderam os índios para trabalharem, depois prenderam os negros. Os negros foram trazidos pelos portugueses da África para trabalhar sem ganhar dinheiro, pois não deu certo com os índios. O trabalho de graça é chamado de trabalho escravo. Agora qual é o povo que sofre?

Aluno 1: O meu pai que trabalha no mercado.

A professora diz:

Os trabalhadores no Brasil sofrem muito e também são explorados. [...]. (DIÁRIO DE CAMPO, 04 nov. 2015).

Durante a aula, percebeu-se o movimento de ação-reflexão-ação, em que a professora fez vários questionamentos aos alunos sobre o tema racismo, estimulando-os à prática do diálogo, à reflexão, à indagação e à conscientização. Ela se preocupou em conhecer as ideias e as opiniões da família sobre o assunto.

O movimento de ação-reflexão-ação é o ato de refletir sobre a prática, dialogar sobre ela, para, novamente, investir na ação que será ponto de reflexão pelos sujeitos, permitindo-lhes ultrapassar a consciência ingênua, caracterizada pela visão simplista na interpretação dos problemas, e alcançar a consciência crítica, marcada pela profundidade na análise dos problemas.

As aulas da professora 3, durante o mês de novembro de 2015, foram dedicadas ao estudo, a leituras de contos de fadas da cultura africana, desenhos de princesas negras, sensibilização com a utilização da música “O canto das três raças”, da cantora Clara Nunes, contação da história *Menina bonita do laço de fita*, da autora brasileira de livros infantis Ana Maria Machado, dentre outras atividades. Seu objetivo era estabelecer o diálogo e conscientizar os alunos em relação ao preconceito, ao racismo e à discriminação. Esses temas foram discutidos nas reuniões da JEIF sobre as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula durante o mês de novembro, especificamente, na data de 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra.

De acordo com Saul (2010, p. 11), a formação de professores desenvolvida na rede pública de ensino da cidade de São Paulo, na gestão de Paulo Freire, organizou-se, principalmente, por meio de grupos de formação, com a finalidade de refletir e discutir as práticas dos professores, num constante movimento de ação-reflexão-ação.

A formação permanente dos educadores desenvolveu-se, sobretudo, por meio de “grupos de formação”, modalidade que agrupava coletivos de professores para

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

discutir as suas práticas. O momento seguinte, nesse trabalho, consistia em confrontar a teoria dos professores com as suas práticas, acrescidas de novas teorias e práticas, sempre que necessário, num constante movimento de ação-reflexão-ação, na perspectiva de recriar teoria e prática.

Nessa perspectiva de formação, observa-se a valorização da unidade teoria-prática, refletida no movimento de ação-reflexão-ação, que proporciona a construção de novas práticas. O lócus principal da formação, no caso, era a escola. As ações formativas coerentes com os pressupostos freireanos podem contribuir para que os professores possam superar a consciência ingênua, por meio da reflexão crítica, contínua e dialógica.

A partir do segundo eixo – a participação da comunidade nas ações de formação –, foi constatada a categoria “participação no Projeto Político-Pedagógico da escola”. O excerto confirma: “Providenciar aulas-passeios, visitas, mutirões e outras atividades extraclasse para tornar a escola um local sempre prazeroso e desejável com a participação ativa e crítica dos alunos” (SÃO PAULO, 2014, p. 6).

No decorrer da observação, verificou-se que a escola proporcionou, a alguns alunos, uma visita à Bienal do Livro, em São Paulo, e alunos do 3.º ano C do Ensino Fundamental participaram de uma atividade de leitura realizada no Parque Água Branca.

É de fundamental importância a participação dos alunos nas atividades promovidas pela escola, como aulas passeios, visitas, torneios, feiras socioculturais. Porém, é o envolvimento efetivo em espaços de decisão, como o Grêmio Estudantil e o espaço de elaboração do PPP, que permite ao aluno expressar livremente suas ideias, opiniões e participar desde o nascimento dos projetos e das iniciativas até sua avaliação.

A participação e a colaboração entre os educadores ocorreram – na confecção de cartazes e adereços – durante a organização de comemorações como a “Festa do Dia das Crianças” e a “Festa da Primavera” e também no desenvolvimento do projeto “Conversas ao pé do fogão”, em que as professoras dos 1º anos A, B e C trocaram ideias, sugestões e materiais entre si.

Gandin (2001) ressalta a participação como colaboração, que é o nível mais frequente, em que as pessoas são chamadas para contribuir em fases do trabalho posteriores às decisões já tomadas pela autoridade. Para o autor, a essa prática de colaboração não se pode chamar verdadeiramente de participação.

Freire (2001) faz uma crítica a determinadas formas de participação na escola, como a prestação de serviços para amenizar as responsabilidades que o poder público não está

cumprindo, a contribuição em cotas a fim de comprar material escolar ou a realização de festas promovidas pela escola. Essas formas de participação mais se aproximam de feições colaborativas dentro do perfil delineado por Gandin (2001).

Entretanto, a participação dos professores foi destacada como uma categoria importante nas falas dos sujeitos:

A participação dos professores é importante na tomada de decisões, na elaboração e implementação do Projeto Político-Pedagógicas, nas reuniões de formação de professores (JEIF e PEA) e nos projetos desenvolvidos pela escola (DIRETOR).

A participação do professor nas reuniões de formação é muito valorizada, porque é por meio dela que a gente consegue minimizar as carências formativas do professor e consegue discutir, refletir e tomar decisões sobre as demandas que aparecem e que vão muito além da nossa formação. Então, o momento de formação é extremamente importante, porque vai contextualizar uma demanda que a gente tem diariamente dentro da escola. E que muitas vezes a nossa formação nem deu conta, porque elas nem existiam na época (COORDENADORA).

Os depoimentos do Diretor e da Coordenadora ressaltaram a valorização da participação, especificamente em relação à elaboração e à execução do PPP da escola, nos projetos desenvolvidos na unidade escolar e nas reuniões de formação de professores. Nos relatos dos partícipes, fica evidente a compreensão de que o trabalho coletivo propicia a discussão em torno das demandas relacionadas a lacunas na formação, como também aquelas decorrentes do cotidiano escolar e na tomada de decisões, que confirmam a valorização e a força da participação no processo educativo. Participar é um direito de todos e contribui para fortalecer a consciência crítica.

Quanto à participação da família na Reunião de Pais e Mestres, o gestor da escola fez o seguinte comentário: “É importante a fala e o olhar dos pais para melhorar a qualidade da escola”. Em seguida, reforçou a importância da participação da família na escola:

Não há educação de qualidade sem a participação da família. É com satisfação que recebemos vocês mais uma vez. Quanto maior a integração família-escola, maior é a aprendizagem e o sucesso escolar do aluno [...]. Nós queremos, aos poucos, ações das políticas públicas e todos os meios de oferecer uma escola de primeiro mundo, um movimento pela qualidade da escola pública; e, para participar, é necessária democracia, participação, por meio de eleições do Conselho de Escola, Grêmios Estudantil, representante de sala de aula para participar desde pequeno com autonomia, saber escolher com autonomia e responsabilidade (DIÁRIO DE CAMPO, 25 set. 2015).

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

O Diretor ressaltou a importância da aliança família-escola como parceiras para uma aprendizagem mais efetiva dos alunos. Segundo ele, por meio da participação da família, é possível construir uma escola que atenda aos anseios e aos interesses da comunidade. Ressaltou que a construção de uma escola democrática se faz com a participação da família no acompanhamento da vida escolar dos seus filhos, nas questões pedagógicas, administrativas e financeiras, e que o exercício da autonomia se dá desde pequeno, quando as crianças são convidadas a escolher lideranças de sala, o que, no futuro, se conformará como escolha de representantes no cenário político. Essas escolhas exigem responsabilidade.

O diálogo com a família é fundamental para compreender os conflitos e as dificuldades que os alunos enfrentam e para encontrarem juntos as soluções. O diálogo promove uma maior aproximação, e possibilita, dessa forma, começar uma grande mudança no relacionamento entre a família e a escola. É importante que a escola proporcione momentos que estimulem a prática da participação da comunidade escolar.

De acordo com a Coordenadora, a família participa das decisões da Escola:

Na primeira reunião de pais, que é uma das mais importantes, o diretor reafirma a necessidade de participação da comunidade, principalmente atuando no Conselho de Escola. As reuniões acontecem mensalmente e os pais são convidados a participar. Essas reuniões ocorrem no período noturno aqui na escola por volta de 19:30 ou 20:00 horas, para que, mesmo os pais que trabalham, possam comparecer e estar aqui nos ajudando a tomar decisões.

O incentivo à participação, seja nas eleições do Grêmio Estudantil, do Conselho de Escola ou de representações de classe, aponta na direção do PPP da escola. A participação, portanto, exige respeito às condições de vida e existência dos sujeitos convidados a se envolver nos processos coletivos de tomada de decisões. Por exemplo, o horário estabelecido em consonância com a disponibilidade dos pais é indício de busca de garantias da sua participação. A fala do gestor confirmou a afirmação da Coordenadora sobre a importância de a comunidade participar na composição do Conselho de Escola.

A nossa escola e o nosso Projeto Político-Pedagógico se comprometem com os problemas do nosso bairro. É a obrigação da escola, é a missão social. Esta escola é referência.

Nós queremos construir uma escola mais justa, mais autônoma e mais solidária [...].

E continua:

A direção da escola só pode tomar uma medida se o Conselho de Escola aprovar. As verbas só podem ser gastas, se forem aprovadas pelo Conselho de Escola. (DIÁRIO DE CAMPO, 25 set. 2015)

A Unidade Escolar busca vivenciar princípios que pautam a construção de uma escola autônoma, solidária. Para alcançar esses objetivos, envida esforços na participação efetiva da comunidade escolar, reconhecendo seus integrantes como sujeitos que exercem o poder de reflexão e decisão em prol das necessidades apresentadas no contexto real. Uma das mais presentes diz respeito à aprendizagem daqueles que estão na escola pública.

Considera-se que, com o estreitamento da relação família-escola, os professores podem ter maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura; da sua vida cotidiana; da ajuda dos pais nas tarefas escolares. E isso pode auxiliar a desenvolver o seu trabalho de forma mais competente.

Para Freire, a escola é um local propício à apreensão crítica do conhecimento, através da relação dialógica, da participação e da reflexão. É espaço democrático, onde não se ensina apenas o conteúdo, mas também o pensar certo, por meio de uma educação que contribua para a emancipação permanente dos seres humanos.

Constatou-se, nas aulas observadas, que são oferecidas condições para um aprendizado significativo. A metodologia utilizada pelas professoras é a exposição dialogada, e observa-se, por parte da professora e dos alunos, respeito e incentivo à participação.

Vale salientar que a pesquisadora não observou as reuniões do Conselho de Escola, e somente assistiu a uma Reunião de Pais e Mestres, porém nela percebeu a presença expressiva de pais/mães e responsáveis, muito embora a participação da família nessa reunião tenha acontecido de forma tímida, porque foram poucos os que conseguiram expor as suas ideias, emitir opiniões, sugestões e críticas sobre os assuntos tratados: a importância de a família conhecer o Projeto Político-Pedagógico da escola, a participação no Conselho de Escola e o combate ao mosquito da Dengue.

Vale ressaltar que participar não é apenas “estar presente”, pois essa é uma forma de participação passiva. Participar significa “tomar parte” no processo, emitir uma opinião, concordar ou discordar; significa tomar decisões nos espaços deliberativos. Nesse sentido, é importante que a família tome consciência do valor de sua participação mais ativa e crítica nas decisões da escola. A família tem um papel e um poder de decisão fundamentais. E sua participação não pode se restringir aos eventos festivos, promovidos pela unidade escolar.

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

Deve caracterizar-se por uma forma mais ativa e crítica de participar, especialmente em espaços deliberativos.

A participação é uma prática, um exercício cotidiano e requer a escuta, a abertura para o diálogo, o respeito às pessoas, condição essencial para compartilhar saberes, valores, experiências e tomar decisões coletivas.

Considerações finais

Este artigo teve a intenção de socializar os resultados de uma pesquisa acerca da formação permanente de educadores fundamentada nos princípios freireanos: o movimento de ação-reflexão-ação na formação de educadores e a participação, com a intenção de conhecer as suas necessidades e as dificuldades do contexto escolar.

O movimento de ação-reflexão ação foi revelado tanto no Projeto Especial de Ação – PEA – como nas vozes dos sujeitos e na sala de aula. Em alguns momentos dos encontros de formação, constatou-se o processo de ação-reflexão-ação nas discussões e nas reflexões sobre as necessidade e dificuldades dos(as) educadores(as). No entanto, não basta apenas pensar e refletir; é preciso que tal reflexão leve o(a) professor(a) a uma ação transformadora, fazendo-o pensar sobre desenvolver-se como profissional reflexivo, o que significa estar atento a todos os aspectos da prática, num ambiente colaborativo, pois a reflexão sobre a prática pedagógica poderá contribuir para ampliar conhecimentos, rever o que sabe e o que ainda necessita conhecer para aprofundar seus estudos teóricos e aperfeiçoar sua prática.

No decorrer das observações, constatou-se que a discussão, a reflexão sobre a prática e a participação dos professores são avanços encontrados na escola pesquisada, tanto nos encontros formativos como nas falas dos sujeitos.

O estudo permite dizer que considerar a escola como o principal lócus da formação pode propiciar a construção de conhecimentos, da autonomia, visando à participação dos sujeitos, o que contribui para a ação docente com vistas à melhoria da qualidade do ensino, da aprendizagem e de uma educação crítica, dialógica e libertadora. A escola, como um importante espaço de formação, não pode limitar a participação dos(as) professores(as) às ações formativas, mas precisa potencializar uma formação que permita ampliar os encontros para os alunos, os pais e a comunidade.

A participação é uma prática que pode ser ampla, vigorosa e constantemente vivenciada, e a escola se constitui em um espaço privilegiado de formação para a

participação e o exercício da cidadania. Nesse sentido, entende-se a importância de a escola proporcionar momentos que possibilitem essa vivência, o que exige uma relação horizontal e a abertura para o diálogo e a escuta.

Referências

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é participação?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros passos).

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GANDIN, Danilo. **A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção da realidade**. 2001. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/gandin.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

GIMENO SACRISTÁN, José. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria Regional de Educação Pirituba. EMEF. **Projeto Político-Pedagógico**. São Paulo, 2014. 40p.

SÃO PAULO (Município). **Projeto Especial de Ação – PEA**. São Paulo, 2015, [s. p.].

SAUL, Ana Maria. A formação permanente dos educadores no contexto da educação popular: revisitando a gestão de Paulo Freire na Secretaria de Educação da cidade de São Paulo (1989-1992). In: **COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE**, 7., 16 a 19 de setembro de 2010, Campus da UFPE, Recife.

Formação permanente de educadores: o movimento de ação-reflexão-ação e a participação como princípios formativos fundamentais

Sobre a autora

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. Professora da Universidade Federal do Piauí-UFPI, Campus Ministro Reis Velloso.

Email: socorrob@ufpi.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7452-454X>

Recebido em: 08/11/2019

Aceito para publicação em: 02/12/2019